

In memoriam
de
Albano Pereira Júnior
(Carta para o Além)

Justino Mendes de Almeida

Tardamente recebi a dolorosa notícia da sua morte, querido Amigo, e esse desconhecimento não me permitiu prestar-lhe a minha derradeira homenagem. Relações muito antigas, quase do tempo, digamos assim, em que Deus andava pelo mundo, mas os homens anunciavam já o desassossego universal em que vivemos, e a profunda amizade que construímos, levam-me a venerar, no mais alto grau, a memória do Amigo que perdi, meu colaborador como Vice-Reitor da UAL.

Arrependo-me do afastamento que fui obrigado a manter de si nos últimos anos da sua vida. Porquê ? Não sei dizer porquê. A vida quantas vezes nos empurra, *me invito*, para caminhos imprevisíveis. Mas a recordação do tempo em que trabalhámos na Junta Nacional da Educação e no Conselho Permanente da Acção Educativa e nos encontrávamos no gabinete do Dr. João de Almeida – esse mago de sabedoria administrativa, amigo do seu amigo, que ouvia até à exaustão os “queixumes” de alguns que frequentavam a toda a hora o seu gabinete, e de colaboradores para apanhar uma assinatura do Director-Ger que este, pela natureza da matéria, recomendava que um funcionário superior poderia assinar pelo Director-Geral. Mário de Andrade, que todos nós conhecíamos bem, aproveitou a sugestão do Dr. João de Almeida e com frequência passou a assinar «pelo Director-Geral» e ficou conhecido para toda a sua vida de funcionário como o «Director pelo». Outro sempre presente era o inspector Pinto Fernandes, ainda hoje vivo, graça a Deus. Mais tarde, mandei-o para Moçambique, como inspector do ensino liceal, mas ali não se deu bem e passou a sub-hierático do seu compadre Ferreira Rosa, então director do ensino em Angola. Pinto Fernandes e Ferreira Rosa nunca se deram bem e o primeiro teve de regressar à Metrópole e exerceu funções como secretário do Ministro, conjuntamente com o Dr. José de Mendonça, um distinto matemático.

Outro que frequentemente, eu diria quase diariamente visitava o Director-Geral era o General Amílcar Mota, que desempenhava funções de assessoria militar na Presidência da República. Era conhecido pela sua conversa monótona e demorada, a que um dia o Dr. João de Almeida não resistiu e desmaiou.

Outro conviva do gabinete do Director-Geral era o Dr. José de Figueiredo (o «Figueirinhas»), homem interessantíssimo, de conversa afável e divertida, director do Teatro de S. Carlos, que recebia os convidados para os espectáculos de ópera, entre eles o Presidente da República, até ao 1º intervalo, porque, a partir daí, dedicava-se ao culto de Baco.

Outros, muitos outros, poderia eu recordar, mas não é o momento próprio para tal.

Albano Pereira Júnior, um beirão à moda antiga, isto é, um português de lei, era assíduo frequentador do Ministério, já então em fase de efervescência, em consequência da agitação estudantil. Não tínhamos conseguido cumprir o aviso que me fora confidenciado pelo Doutor Salazar: «Preparem-se para enfrentar, lá para Outubro ou Novembro, as consequências do Maio em Paris». Frase proverbial e admonitória, mas não nos preparámos.

Albano Pereira Júnior tinha sido nomeado director da Escola Superior de Farmácia, que dirigiu com grande firmeza e competência, não dando lugar à indisciplina e à insuficiência pedagógica que se verificavam em outras escolas superiores de Lisboa. Foi exemplar, perante o Ministério da Educação. Demos-lhe a oportunidade – que era um sonho da sua direcção – de conversão da Escola Superior de Farmácia de Lisboa em Faculdade de Farmácia da Universidade de Lisboa.

Homem especialista em *Química*, mas dado às Letras, colaborou connosco na revista *Garcia de Orta*, no número comemorativo do quarto centenário da 1ª edição d'*Os Lusíadas*, ao publicar um artigo que, de entre as dezenas de trabalhos que publicou, eu considero o melhor: «A Farmacognosia n'*Os Lusíadas*». A propósito deste grosso volume da revista, pelo seu formato e apresentação, não esqueço o comentário do também nosso colaborador, distinto poeta, Ruy Cinati, de permanente humor: «É a lista telefónica da Direcção-Geral».

Estimado Amigo:

Gloria in excelsis, e que Deus, a Quem nada é impossível, trono de Sabedoria, tenha sob a Sua asa protectora a alma de um Homem que, nesta via terrena, foi também um exemplo de firmes convicções, de sólida e discreta Sabedoria.

Lisboa, 13 de Março de 2004.